



RACISMO INSTITUCIONAL E RACISMO COTIDIANO NOS CONTOS *AS MÃOS DOS PRETOS*, DE LUÍS BERNARDO HONWANA, E *O PECADO*, DE LIMA BARRETO

INSTITUCIONAL RACISM AND EVERYDAY RACISM IN
THE SHORT STORIES *AS MÃOS DOS PRETOS*, BY LUÍS
BERNARDO HONWANA, AND *O PECADO*, BY LIMA
BARRETO

Rogério Max Canedo¹
Universidade Federal de Goiás

Luciano Duarte Júnior²
Universidade de Brasília

Resumo: Este artigo tem por objetivo estabelecer uma comparação entre os contos *As mãos dos pretos*, do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana, e *O pecado*, do autor brasileiro Lima Barreto, denunciando o racismo institucional (ALMEIDA, 2019) e o racismo cotidiano (KILOMBA, 2019) presentes nas duas narrativas. Portanto, com base em textos teóricos que discutem, majoritariamente, racismo e literatura negra, é possível notar como a Igreja enquanto instituição surge nos contos como (re)produtora de discursos racistas que inferiorizam e excluem a população negra. Além disso, aponta-se a forma como o racismo institucional e o racismo cotidiano retroalimentam-se, sustentando a continuidade da discriminação racial.

Palavras-chave: Lima Barreto; Luís Bernardo Honwana; Racismo cotidiano; Racismo institucional.

¹ E-mail: max_canedo@ufg.br.

² E-mail: lucianoduartejr@outlook.com.

Abstract: This paper aims to establish a comparison between the short stories *As mãos dos pretos*, by mozambican writer Luís Bernardo Honwana, and *O pecado*, by brazilian author Lima Barreto, denouncing the institutional racism (ALMEIDA, 2019) and the everyday racism (KILOMBA, 2019) present in both narratives. Therefore, based on theoretical texts which discuss, majorly, racism and black literature, it is possible to notice how Church as an institution appears in the short stories as (re)producer of racist discourses which diminish and exclude black people. Furthermore, it is pointed out the way in which institutional racism and everyday racism feed into each other, sustaining the continuity of racial discrimination.

Keywords: Lima Barreto; Luís Bernardo Honwana; Everyday racism; Institutional racism.

INTRODUÇÃO

As obras literárias que compõem o objeto de estudo desta pesquisa são os contos *O pecado*, do brasileiro Lima Barreto (1881-1922), publicado postumamente em 1924 e que pode ser encontrado no livro *Contos completos de Lima Barreto* (2010), e *As mãos dos pretos*, do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana (1942), presente em *Nós matamos o Cão Tinhoso!* (2017), antologia publicada pela primeira vez em 1964. A discussão aqui exposta justifica-se por duas razões principais, a começar pela importância de discutir literatura produzida por escritores negros, visto que, segundo a escritora Conceição Evaristo, “há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira” (EVARISTO, 2009, p. 17); em segundo lugar, esse trabalho busca reforçar a aproximação entre as culturas literárias brasileira e africana, uma vez que, segundo a professora Rita Chaves, “nos contatos com as culturas africanas procuramos explicações para as nossas identidades” (CHAVES, 2006, p. 289), evidenciando o enriquecimento que esse contato cultural propicia, sobretudo para/no Brasil. Apesar de escreverem de épocas e de lugares diferentes, os dois autores incorporam em seus respectivos textos o tema da luta contra a discriminação racial, mostrando como o racismo transcorre pelo tempo e pelo espaço e como a literatura pode ser uma forte aliada dos escritores na tentativa de combatê-lo.

Em *O pecado*, Lima Barreto, de maneira jocosa, retrata uma situação insólita na qual são Pedro³ e um escriturário conversam para decidir quais almas deverão ir para o céu e quais deverão ir para o purgatório. A problematização feita por Lima Barreto surge no momento em que o santo não consegue entender por que uma alma tão excepcional como aquela sobre a qual estão discutindo não merece ir para o céu. Ao fim, descobrimos que se trata da alma de uma pessoa negra, ao que o escriturário afirma, categoricamente, “Essa alma é a de um negro. Vai para o purgatório” (BARRETO, 2010, posição 9508).

No conto *As mãos dos pretos*, de Luís Bernardo Honwana, uma criança procura entender por que as palmas das mãos das pessoas pretas são mais claras do que o resto do corpo. Na sua busca por respostas, os adultos ao seu redor lhe dão as mais absurdas explicações possíveis, que vão desde seus antepassados andarem com as mãos no chão, como os bichos, até a justificativa de, com as palmas das mãos claras, não sujarem a comida que faziam para seus patrões. Assim como no conto de Lima Barreto, o discurso cristão também surge aqui de forma a reforçar estereótipos racistas, visto que, para ilustrar, uma das explicações absurdas dada à criança parte do “Senhor Padre”.

A discussão aqui empreendida propõe-se a comparar os dois contos em questão à luz de teorias que discutem, majoritariamente, sobre racismo e literatura negra, além de levar em consideração parte da fortuna crítica a respeito dos autores e das duas narrativas. Dessa forma, os principais objetivos

³ Optamos por manter todas as grafias utilizadas pelos autores para as personagens dos contos, tais como as iniciais minúsculas para “são Pedro”, “são Bernardo” e “são Francisco de Assis”, por parte de Lima Barreto, e as iniciais maiúsculas para “Senhor Padre”, “Senhor Professor” e “Senhor Antunes da Coca-Cola”, por parte de Luís Bernardo Honwana. Acreditamos que esse tipo de grafia, nos contos, não parte de escolhas arbitrárias, mas sim posicionamentos políticos e de denúncia do que essas personagens representam para os autores em seus respectivos universos ficcionais. De forma semelhante, ao nos referirmos à instituição religiosa à qual estas personagens estão associadas, optamos pela grafia em inicial maiúscula para “Igreja”, pois estaremos nos referindo a um conjunto de representações: suas crenças e dogmas, seus membros em posição de poder e seu aparelhamento pelo Estado colonialista e conservador como forma de controle e opressão.

deste trabalho consistem em confrontar o racismo no discurso institucional da Igreja enfrentado pelas personagens, analisar os outros tipos de mecanismos racistas presentes nas obras e contribuir para a aproximação entre as literaturas de língua portuguesa produzidas no Brasil e em países da África, em especial Moçambique. Assim, pretende-se uma comparação na esteira do que propõe o crítico Benjamin Abdala Junior em seu texto *O comparatismo literário entre os países de Língua Oficial Portuguesa: perspectivas político-culturais e reflexões comunitárias*:

Comparar diante de problemáticas que nos envolvem a todos para nos conhecer naquilo que temos de próprio e em comum. Enlaces comparatistas em que as particularizações do passado devem ser reconfiguradas em termos prospectivos e tendentes a ações de reciprocidade. Não mais a histórica relação sujeito/objeto, mas agora de sujeito/sujeito, que se comparam em aproximações e fricções, tendo em conta desafios que se colocam em termos de atualidade sociocultural (ABDALA JUNIOR, 2014, p. 54).

A partir dessa proposta do professor Benjamin Abdala Júnior, a análise dos dois contos aqui em tela ganha relevância e validade, na medida em que os enlaces entre os países do bloco sul do mundo, em particular Brasil e Moçambique, se apresentam para dar luz a um tema tão central nos dois lados do globo: o lado atlântico e o lado índico. Essas duas composições literárias põem em xeque uma questão moral e ética igualmente equiparáveis, se abordadas a partir dos efeitos históricos que condicionaram a formação nacional no Brasil e em Moçambique. Por isso mesmo, torna-se urgente um trabalho comparativo, naqueles moldes propostos por Abdala Júnior, em que esses países fraturados pela condição histórica são vistos por suas aproximações e diferenças e valorizados em relação às identidades comuns e diversas, sem que essa aproximação privilegie um objeto artístico em detrimento do outro.

LIMA BARRETO E LUÍS BERNARDO HONWANA: ESCRITAS MILITANTES

Enquanto um “bem incompreensível” capaz de humanizar e de formar personalidade, para referir-se a algumas das formulações visitadas e feitas por Antonio Candido em seu famoso ensaio *O direito à literatura*, presente em *Vários escritos* (2011), a literatura tem o potencial de transformar-se naquele exercício de empatia mencionado por Antoine Compagnon em seu livro *Literatura para quê?* (2009). Dessa forma, e levando em consideração que mais da metade da população brasileira é composta de negros e pardos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019 do IBGE, discutir o racismo trata-se de um dever incontornável.

Como lembra Lélia Gonzalez em seu livro *Por um feminismo afro-latino-americano* (2020), “o longo processo de marginalização do povo negro, imposto pelas práticas discriminatórias de uma sociedade marcada pelo autoritarismo, relegou-nos à condição de setor mais oprimido e explorado da população brasileira” (GONZALEZ, 2020, p. 174). Após quase quatro séculos de escravização, não houve, no Brasil, políticas públicas de inserção da população negra na sociedade brasileira enquanto cidadãos de direitos depois da Abolição da Escravatura em 1888. Dessa forma, o povo negro, agora apenas parcialmente “livre”, continuou – e continua – vivendo em situações de extrema desigualdade. Como bem lembra Lilia Moritz Schwarcz, em sua biografia sobre Lima Barreto, intitulada *Lima Barreto: triste visionário* (2017):

um país não passa impunemente pelo fato de ter sido o último a garantir a vigência de um modelo de trabalho que pressupõe a posse de um homem pelo outro. Essas são estacas fortes, que constroem a sociedade. A escravidão não foi apenas um tipo de mão de obra, ou um detalhe da nossa economia. Ela criou um modo de ser e estar em tal sociedade: uma linguagem social com graves consequências (SCHWARCZ, 2017, p. 26).

Infelizmente, a literatura brasileira – ao menos quando pensamos no

cânone literário – também reflete as consequências dessa linguagem social do período escravocrata, visto que ainda é majoritariamente branca (além de cis, masculina e burguesa). Desse modo, faz-se importante estudar escritores que fogem a esse padrão hegemônico, como são os casos de Lima Barreto e de Luís Bernardo Honwana. Sobre escritores negros no Brasil, Cuti (2010, p. 13) escreve que a literatura “precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. Os autores nacionais, principalmente os negro-brasileiros lançaram-se a esse empenho, não por ouvir dizer, mas por sentir, por terem experimentado a discriminação em seu aprendizado”.

É justamente por causa dessa experiência com a discriminação racial que, segundo Schwarcz (2017), “na sua literatura, autodenominada ‘militante’ e ‘biográfica’, Lima acabou se tornando seus próprios personagens. Era cada um deles, todos juntos, e nenhum também. Mas era sempre criador e criatura” (SCHWARCZ, 2017, p. 12). Ainda, segundo a ensaísta Isabel Lustosa, “Lima Barreto acreditava que o papel da literatura era ser útil à sociedade, denunciando as injustiças sociais e, por isso, quis retratá-la da forma mais crua” (LUSTOSA, 2010, p. 778). Talvez o que Lima Barreto almejava era justamente, através da literatura – e similarmente ao que acreditava Compagnon (2009) –, despertar a empatia dos seus leitores ao expor as dificuldades enfrentadas pela população negra no Brasil do fim do século XIX e início do século XX.

Em seu texto *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, no qual defende o reconhecimento e a valorização das influências africanas na cultura do Brasil e da literatura produzida por pessoas negras, Evaristo (2009, p. 26) escreve que Lima Barreto é um escritor que “já na República, se destaca no desejo de pronunciar-se como negro, apesar de todas as dificuldades da época” e que “sua escrita se dispunha conscientemente a se apresentar como uma voz negra questionadora das relações raciais da época”. Por sua vez, o crítico literário Alfredo Bosi demonstra essa veia questionadora de Lima Barreto ao

resgatar uma carta do próprio escritor na qual ele admite sua intenção de expressar sua indignação com as dinâmicas racistas de sua época ao escrever o romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, publicado primeiramente em 1909:

Que pretendeu Lima Barreto com o *Isaiás Caminha*? Responderei com as próprias palavras do escritor, em carta que escreveu a um confrade de letras, em 1911. Pretendeu simplesmente mostrar que “um rapaz nas condições do Isaiás, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito” (BOSI, 2010, posição 596, grifos do autor).

Esse traço de denúncia é um fator constante na produção de Lima Barreto, “que era contra a literatura estabelecida” (SCHWARCZ, 2017, p. 243). Disposto a utilizar as ferramentas que tinha a sua disposição, o escritor vê na literatura um veículo de transmissão da sua voz de homem negro vivendo nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. Como escreve Schwarcz (2017), o regime escravocrata:

atingirá em cheio a vida dos Barreto e da literatura de Lima, que jamais abriu mão de denunciar as mazelas da escravidão no Brasil, os mecanismos de humilhação, bem como as diversas formas de racismo por aqui vigentes. Ao mesmo tempo, e já como escritor, Lima Barreto nunca desistiu do que aprendeu e lembrou. Virou testemunha dos vários processos de liberdade, das cores, dos costumes, das religiões, das vestes, dos cabelos e das diferentes maneiras que os afro-brasileiros inventaram para viver e imaginar o exílio, e, assim, fazer dele o seu desterro e sua morada; um lugar onde se incluir e brigar (SCHWARCZ, 2017, p. 26).

Essa denúncia das discriminações sofridas pela população negra é precisamente o que mais uma vez consegue o autor ao escrever o conto *O pecado*, ao não se conformar com o discurso racista de seu tempo e usar da ironia para questioná-lo e demonstrar o absurdo de sua lógica. E Lima Barreto decide fazer isso justamente ao explorar os discursos da instituição Igreja, como na passagem a seguir, já rapidamente mencionada neste trabalho:

- P.L.C., filho de... neto de... bisneto de... - Carregador. 48 anos. Casado. Honesto. Caridoso. Leal. Pobre de espírito. Ignaro. Bom como são Francisco de Assis. Virtuoso como são Bernardo e meigo como o próprio Cristo. É um justo. Depois com o dedo pela pauta horizontal e nas *Observações*, deparou qualquer coisa que o fez dizer de súbito.
-Esquecia-me... Houve engano. É! Foi bom você falar. Essa alma é a de um negro. Vai pro purgatório (BARRETO, 2010, posição 9508, grifo o autor).

O sujeito mencionado na conversa entre o santo e o escrivão não apenas é descrito como uma pessoa de muitas qualidades, mas também é comparado ao próprio “são Francisco de Assis”, o que ilustra a grandeza de suas virtudes. Além disso, a passagem na qual a voz narrativa adentra os pensamentos do santo comprova ainda mais a boa impressão causada por aquela alma de são Pedro:

Deveras, pensou o Santo Porteiro, é uma alma excepcional; com tão extraordinárias qualidades bem merecia assentar-se à direita do Eterno e lá ficar, *per saecula saeculorum*, gozando a glória perene de quem foi tantas vezes santo (BARRETO, 2010, posição 9497, grifos do autor).

A única característica que o macula, perante os dois encarregados celestiais, é o fato de ser negro, elemento suficiente para que todas as características positivas mencionadas anteriormente percam seu peso na tomada de decisão acerca do destino da alma da personagem. Como escreve Weberson de Aquino Lima, em sua dissertação *O conto afro-brasileiro de Lima Barreto: o narrar interno e o protagonista negro nas primeiras décadas do século XX* (2021):

o conto “O pecado” representa o castigo infligido à alma do nobre P. L. C, é o castigo da história do racismo na vida dos africanos e afro-brasileiros no Brasil. Lima Barreto através da ironia destaca que não importa quão boas, virtuosas e honestas sejam as pessoas negras, pois seu valor já se encontra subjugado e diminuído frente aos brancos corruptores das

instituições⁴ da nação. Nação esta que embora construída com a força, o suor e o sangue dos escravizados, ainda é extremamente racista (LIMA, 2021, p. 78-79).

Lima Barreto não apenas demonstra os mecanismos de exclusão do racismo com o seu texto como também expõe os vícios discriminatórios da instituição Igreja, ao escolher justamente um santo como personagem para seu conto. Como lembram Lilian Campos, Camila Pinho e Elni Willms em artigo sobre o conto em questão: “Ao utilizar os dogmas do catolicismo como fio condutor, Lima escancara com ironia as contradições racistas nos discursos utilizados para docilizar os corpos negros” (CAMPOS *et al.*, 2021, p. 155). Assim, o autor mostra como nem mesmo as instituições e pessoas tidas como as mais virtuosas estão isentas da contaminação do racismo estrutural presente na sociedade.

A associação das existências negras ao pecado não é um discurso novo. Sobre esse assunto, o filósofo e psiquiatra Frantz Fanon, em seu clássico *Pele negra, máscaras brancas* (2008), escreveu que *O pecado é negro como a virtude é branca*. Todos esses brancos reunidos, de revólver na mão, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável”. (FANON, 2008, p. 125). Nesse sentido, a visão pejorativa tida em relação à negritude fica evidente na passagem na qual o narrador escreve que, se são Pedro não houvesse feito de antemão a leitura das almas que deveriam ir para o céu, “talvez, dali em diante, para o resto das idades quem sabe? –, o céu ficasse de todo estragado” (BARRETO, 2010, posição 9499). Aqui, o narrador está referindo-se à ideia de que a mera existência de uma pessoa negra no céu poderia “estragar” a vida naquele lugar.

Como vemos, e tendo em mente as palavras de Fanon (2008), já

⁴ Vale ressaltar como Lima (2021), nessa passagem, também chama a atenção para o racismo dentro das instituições brasileiras.

mencionadas, faz parte do discurso racista associar a branquitude ao virtuoso e o negro ao demoníaco e ao impuro. Trata-se de apenas uma das diversas formas nas quais o racismo manifesta-se e retroalimenta-se.

De maneira similar à de Lima Barreto, Luís Bernardo Honwana, escritor moçambicano empenhado na luta pela independência de seu país, também confronta discursos racistas e a opressão sofrida pelo povo negro em suas obras. A fim de ilustrar a recorrência dessas questões em seus textos, valem a pena algumas palavras sobre outro conto do autor: *Dina*, também presente em *Nós matamos o Cão Tinhoso!* (2017). A narrativa em questão retrata um grupo de trabalhadores escravizados em uma plantação de Moçambique e cujo membro mais velho é Madala, respeitado por todos os outros integrantes do grupo.

Apesar da idade avançada e dos problemas de saúde, Madala ainda é obrigado a trabalhar na colheita do milho, sendo vigiado por um capataz que costuma humilhar todos os trabalhadores, como relata um dos homens escravizados: “O branco é mau... – continuou o rapaz. – Ele demora muito antes de mandar largar... Eu via isso quando trabalhava na machamba... Também não deixa as pessoas endireitarem-se por um bocado para descansar as costas...” (HONWANA, 2017, p. 64). Mais adiante, o capataz estupra Maria, filha de Madala, em plena luz do dia e sem nem mesmo tentar esconder sua agressão dos demais trabalhadores.

Quando o capataz e Maria voltam do matagal no qual tudo acontecera, todos aguardam um posicionamento de Madala, que vira tudo à distância. Em vez de rebelar-se contra o opressor branco – todos os homens ao seu redor estavam dispostos a apoiá-lo caso as coisas chegassem a esse ponto –, Madala opta pela resignação, talvez por cansaço, por falta de esperança ou até mesmo por medo do mal que poderia cair sobre todos em forma de retaliação caso se voltassem contra o capataz naquele momento. Apesar do final agridoce, o que Luís Bernardo Honwana faz em *Dina* é justamente expor as formas de opressão

sofridas pelo povo negro de seu país, nesse caso, especificamente, referindo-se à escravização do período moçambicano de colonização portuguesa, tema recorrente em seus contos. Segundo a professora Vima Martin:

o volume de contos *Nós matamos o Cão Tinhoso!* é um marco da literatura moçambicana. Publicado em Moçambique em 1964, em uma edição do próprio autor, que na altura tinha apenas 22 anos, a obra foi alvo de polêmica, sendo criticada por parte daqueles que defendiam o colonialismo e simpatizava com o regime do ditador português António de Oliveira Salazar, e aclamada por aqueles que, portadores de ideias nacionalistas, defendiam a liberdade e a autonomia do país (MARTIN, 2017, p. 133, grifo da autora).

Devido a essa sua postura anticolonial, o autor foi preso no mesmo ano em que publicou seu livro pela primeira vez, sendo solto apenas em 1967. Luís Bernardo Honwana também confronta o racismo e elabora uma denúncia das violências (de vários tipos) sofridas por causa da colonização em sua narrativa *As mãos dos pretos*, por meio das explicações dadas à criança do conto acerca da cor das palmas das mãos das pessoas pretas. O conto, escrito durante um período no qual Moçambique ainda era colônia de Portugal, começa da seguinte forma:

Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor⁵ disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar (HONWANA, 2017, p. 107).

⁵ A figura do “Senhor Professor” – assim como a da “Senhora Professora” – também surge em *Nós matamos o Cão Tinhoso!*, conto do mesmo autor que dá nome ao livro no qual está publicado.

Já no primeiro parágrafo do conto, o autor evidencia a institucionalização do racismo naquela sociedade (o “Senhor Professor” representa a Escola, o “Senhor Padre” representa a Igreja, ambas majoritariamente racistas no contexto do conto). Tal como Lima Barreto, o autor moçambicano retrata, em sua narrativa, a crueza da sociedade racista na qual as personagens negras estão inseridas, dessa vez contrastando a dureza dessa realidade com a inocência das indagações de uma criança. Como lembra Martin (2017), *As mãos dos pretos* é apenas um dos contos do autor que:

dão destaque às experiências infantis – são as crianças que, ao tentarem entender a sua realidade e a de seus pais, irmãos e amigos, acabam por revelar as tensões e as contradições do universo colonial, rigidamente dividido entre patrões e empregados, colonos brancos e trabalhadores negros (MARTIN, 2017, p. 134).

Por meio da visão das crianças, vemos como estereótipos racistas são transmitidos de geração para geração. A maneira como o “Senhor Professor” trata a questão, por exemplo, faz lembrar as formulações da escritora e psicóloga Grada Kilomba que, em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2019), lista algumas formas por meio das quais o sujeito negro é transformado no “outro”:

Primitivização: o sujeito negro torna-se a personificação do incivilizado – a/o selvagem, a/o atrasada/o, a/o básica/o ou a/o natural –, aquele que está mais próximo da natureza.

[...]

Animalização: o sujeito negro torna-se a personificação do animal – a/o selvagem, a/o primata, a/o macaco, a figura do “King Kong” –, outra forma de humanidade (KILOMBA, 2019, posição 893).

Tanto por meio da primitivização quanto da animalização, as personagens negras são colocadas em lugar de uma alteridade pejorativa para, então, serem deslocadas do campo do humano. Dessa forma, assim como

acontece no conto *O pecado*, as personagens negras são imediatamente deslegitimadas simplesmente pela cor de suas peles. Tal como ainda lembra Kilomba (2019, posição 884), no “racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu”. Os dois elementos mencionados pela teórica revelam, portanto, um mesmo *modus operandi* da exclusão do povo negro. Em seu texto sobre o conto, Paulo Sérgio de Proença afirma que:

o que os outros dizem dos pretos (mais precisamente dos pretos africanos) é resultado de construção discursivo-cultural, externa, que tem o efeito de desqualificá-lo, o que, na prática, explica e justifica a violência física e simbólica de que os pretos têm sido vítimas (PROENÇA, 2016, p. 116).

Trata-se da propagação de um discurso racista historicamente construído pelo poder hegemônico da colonização branca e que, de indivíduo em indivíduo, torna-se parte do cotidiano das personagens. Um exemplo de como o racismo institucional e o racismo cotidiano estão intimamente ligados.

Nessa mesma direção, ao escrever sobre o livro *Nós matamos o Cão Tinhoso!* (2017), o professor e escritor Manuel Ferreira, na obra *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa II*, escreve:

Excelente narrador, experiência pessoal vivida na sua própria condição de negro, Luís Bernardo Honwana, apesar da sua juventude (as narrativas foram redigidas algumas, cremos, por volta de 18 anos de idade) faz do universo moçambicano o centro da análise das suas narrativas. A relação dialética colonizado/colonizador é dada, pelas formas mais subtis, através de várias personagens e situações (FERREIRA, 1977, p. 102).

Dessa forma, e tal como Cuti (2010) escreve acerca dos autores negro-brasileiros, a literatura de Luís Bernardo Honwana também é influenciada pela experiência do próprio autor com o racismo. Trata-se de uma voz negra reivindicando sua descolonização cultural e reafirmando seu local de sujeito.

Assim como acontece no conto de Lima Barreto, Luís Bernardo Honwana também demonstra em sua narrativa como o discurso religioso do catolicismo pode surgir carregado de discriminação racial. Sobre essa associação presente no conto entre o discurso do cristianismo e o racismo, a pesquisadora Laís Cardoso escreve que:

Em “As mãos dos pretos”, a figura de Deus é citada explicitamente em três das oito explicações colhidas pelo narrador-personagem, e de forma implícita em mais uma delas, justamente na fala do Senhor Padre (representante da igreja), segundo o qual as mãos eram brancas porque “estavam sempre postas a rezar” (CARDOSO, 2013, p. 10).

Desse modo, tanto em *O pecado* quanto em *As mãos dos pretos*, o discurso racista é reforçado por pessoas que representam instituições, com destaque para o discurso religioso do catolicismo. Sobre essa institucionalização do racismo, o filósofo e advogado Silvio Almeida (2019) escreve que as instituições são “apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2019, p. 417). Portanto, não surpreende que instituições e seus representantes retroalimentem-se no que diz respeito a suas posturas e pontos de vista racistas.

Além disso, como não haveria de ser diferente, essas mesmas instituições (em particular a Igreja, no caso dos contos aqui analisados) exercem grande poder de influência sobre toda a população. Portanto, uma vez que essas instituições sejam racistas, as sociedades influenciadas por elas também hão de ser, levando o racismo institucional para o campo do cotidiano, por meio, por exemplo, de “piadas”, “brincadeiras” e “mal-entendidos” que nada mais são que micro agressões contra a negritude. Ou seja, o que à primeira vista parece ser coisas diferentes, mostra-se como elementos de uma mesma rede

discriminatória.

No caso de *As mãos dos pretos*, é possível notar como esses discursos racistas são internalizados pela própria população. Um exemplo bem ilustrativo é a explicação dada pelo “Senhor Antunes da Coca-Cola”⁶:

Antigamente, há muitos anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas, levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram que se agarrar enquanto o barro deles cozia?!

Depois de contar isso o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à nossa volta desataram a rir, todos satisfeitos (HONWANA, 2017, p. 108).

O riso, ao final da explicação dada pelo “Senhor Antunes da Coca-Cola”, expõe a cumplicidade em volta de discursos racistas que brotam no cotidiano de formas disfarçadamente “bem-humoradas”. “Satisfeitos” com a falsa explicação, as personagens não se incomodam em reproduzir tais discursos discriminatórios para as próximas gerações, aqui entendidas na personagem da criança.

Além disso, a passagem acima citada traz novamente a figura de São Pedro, a mesma personagem presente no conto de Lima Barreto. Se em *O pecado* São Pedro surge como agente reprodutor de discursos racistas, em *As mãos dos pretos* o santo, junto a outras personagens representativas do cristianismo (Deus, Jesus, Maria etc.), ilustra mais uma vez a associação da instituição Igreja a mensagens e pressupostos de teor racista.

⁶ Não deixa de ser digno de nota a maneira pela qual a personagem é referida e como isso aponta para marcadores de um neocolonialismo, dessa vez vindo dos Estados Unidos da América e dissimuladamente chamado em nossos tempos de “globalização”.

Nesse sentido, o escrivão que trabalha com são Pedro em *O pecado* também é um representante preciso da instituição Igreja. Ele é descrito como “um velho jesuíta encanecido no tráfico de açúcar da América do Sul” (BARRETO, 2010, posição 9491). Essa curta, mas ácida descrição que Barreto dá à personagem ilustra bem os diferentes tratamentos dados a pessoas brancas em detrimento de pessoas negras. Além de ter se envolvido com ações criminosas quando em vida (o tráfico de açúcar), o agora funcionário celestial também era jesuíta, ou seja, representava a Igreja em seu empenho colonizador de assimilação dos povos indígenas ao cristianismo.

CONSIDERAÇÕES

Como procurou-se demonstrar até aqui, a instituição Igreja possui um papel fundamental na disseminação de pressupostos racistas nos dois contos analisados neste trabalho. E essa disseminação só é possível por meio da materialização dessa instituição em indivíduos, que a representam de forma bastante evidente nas narrativas (principalmente nas figuras do “Senhor Padre”, do “jesuíta” e de “são Pedro”, que surge nos dois contos, embora apenas em *O pecado* com protagonismo). Como afirma Almeida (2019), o racismo presente nas nossas instituições é um reflexo do racismo presente na nossa sociedade em geral e, sendo assim, uma vez que as instituições são capazes de exercer grande poder sobre a formação e a opinião dos indivíduos que um dia poderão adentrar e representar essas mesmas instituições, os dois lados retroalimentam-se.

Em *As mãos dos pretos*, outra instituição mencionada é a escola, representada pela personagem do “Senhor Professor”, que ensina por meio de pseudocientificismo e na esteira do darwinismo racial, utilizando-se de mecanismos nefastos de discriminação como aqueles mencionados por Kilomba (2017): a primitivização e a animalização, ambos exemplos de como o

racismo toma forma no nosso cotidiano. Embora não chegue a mencionar nenhuma outra instituição específica, podemos supor que o conto de Lima Barreto dá apenas uma amostra de como o autor sabia que as instituições brasileiras são, em sua maioria, racistas. A escolha de elementos e figuras do catolicismo poderia ser explicada pela importância que esse corpo religioso exerceu e ainda exerce na sociedade brasileira, predominantemente católica, não obstante a ascensão das igrejas pentecostais nos últimos anos. De toda forma, é evidente que o cristianismo tem um lugar bastante sólido na nossa cultura religiosa, a começar pelo trabalho de catequização e aculturação executado pelos jesuítas para com os povos indígenas após a invasão dos portugueses ao Brasil.

Por fim, tanto Lima Barreto quanto Luís Bernardo Honwana apresentam escritas militantes resultantes da experiência com o racismo vivida na pele por ambos. Cada um em seu país, nascidos em séculos diferentes e separados geograficamente por milhares de quilômetros, o autor brasileiro e o autor moçambicano confrontam a hegemonia branca e as graves consequências de séculos de colonização e escravização em suas pátrias. A leitura dos dois em paralelo fornece a oportunidade de traçar distanciamentos e aproximações no que diz respeito a como os autores tratam o assunto e às formas como optaram por utilizar suas escritas para militar por mais espaço, voz e liberdade. O mais importante nesse processo de leitura cruzada é não perder de vista as palavras de Chaves (2009, p. 10) ao comentar sobre a relação entre as literaturas produzidas aqui no Brasil e nos países africanos de Língua Portuguesa: “se similaridades podem nos aproximar, diferenças não precisam nos afastar. O encontro será mais sólido se o conhecimento ajudar a combater os preconceitos e outros fantasmas. E a literatura é um bom caminho.” Assim, espera-se, com esse trabalho, haver contribuído para esse encontro entre culturas ricamente distintas, mas com muito a dialogar entre si.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. O comparatismo literário entre os países de Língua Oficial Portuguesa: perspectivas político-culturais e reflexões comunitárias. In: PANTOJA, Selma; BERGAMO, Edvaldo A.; SILVA, Ana Cláudia da. (orgs.). *África Contemporânea em Cena: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Intermeios, 2014.

ALMEIDA, Silvio L. de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARRETO, Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Edição Kindle.

BOSI, Alfredo. Introdução: Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha. In: BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2010. Edição Kindle.

CAMPOS Lilian C.; PINHO, Camila M. S. de; WILLMS, Elni E. Literatura, educação e relações étnico-raciais: uma análise do conto *O pecado* de Lima Barreto. *Caderno de Letras*, n. 40, p. 147-163, 2021.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARDOSO, Laís de Almeida. Literatura, sociedade e identidade cultural: um diálogo entre “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana, “Por que o negro é preto?”, de Câmara Cascudo, e Macunaíma, de Mário de Andrade. *Revista Crioula*, v. 13, p. 1, 2013.

CHAVES, Rita de Cassia N. Desmedida: o Brasil, para além da paisagem, em Ruy Duarte de Carvalho. *Remate de Males*, v. 26, n. 2, p. 279-291, 2006.

CHAVES, Rita de Cassia N. *Contos africanos dos países de língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?*. Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa II*. Amadora: Biblioteca

Breve, 1977.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
HONWANA, Luís B. *Nós matamos o Cão Tinhoso!*. São Paulo: Kapulana, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Edição Kindle.

LIMA, Weberson de A. *O conto afro-brasileiro de Lima Barreto: o narrar interno e o protagonista negro nas primeiras décadas do século XX*. 2021. 89 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura, Memória e Cultura). Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina.

LUSTOSA, Isabel. Lima Barreto em seu tempo. In: BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaiás Caminha*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2010. Edição Kindle.

MARTIN, Vima L. de R. A violência do colonialismo pelo olhar de Luís Bernardo Honwana. Posfácio. In: HONWANA, Luís B. (org.). *Nós matamos o Cão Tinhoso!*. São Paulo: Kapulana, 2017. p. 133-137.

PROENÇA, Paulo S. de. Análise do conto “As mãos dos pretos” de Bernardo Honwana, em perspectiva Descolonizadora. *LITERARTES*, n. 5, p. 100-119, 2016.

SCHWARCZ, Lilia M. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 14 de abril de 2023

Aprovado em sistema duplo cego em: 26 de junho de 2023.